

# Eça de Queiroz na Universidade de Coimbra

Francisco Amaral

Eça de Queirós, sua vida e sua obra, é tema de permanente interesse na literatura portuguesa e brasileira. Talvez mais nesta do que naquela, a crer na opinião de Álvaro Lins, para quem o escritor português teve no Brasil maior consagração do que em Portugal<sup>1</sup>. Sua obra é multifacetada, sempre oferecendo novos ângulos de apreciação e estudo, pelo que considerado um clássico da cultura luso-brasileira.

Ler os clássicos ajuda-nos a entender quem somos e onde chegamos, contribuindo para a definição da nossa identidade, no país e no mundo. Sua releitura proporciona novas descobertas, como, aliás, da primeira vez. Relendo-os na idade madura, reencontramos as constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido<sup>2</sup>. Sábias palavras de Ítalo Calvino, que me vêm à memória quando, nostálgico, retorno a Eça, para considerar a influência do curso universitário na obra literária que nos legou.

Eça de Queiroz nasceu em 1845 e morreu em 1900. Foram 55 anos de vida e 35 de criação literária, a refletir o ambiente cultural português desse período. Apontam-se, como traços característicos de sua essência, a atitude crítica, o culto do realismo, o estilo inovador, a técnica do romance e do conto, a fina ironia<sup>3</sup>, esta, aliás, traço característico do povo e da cultura portuguesa<sup>4</sup>. Avaliar o que contribuiu para essa caracterização, além das suas próprias tendências psicológicas, é mais uma perspectiva que se abre ao estudo de sua obra, em Portugal e no Brasil. Qual teria sido a realidade histórico-social determinante ou influenciadora de suas categorias mentais, que valores teriam presidido à sua formação, reconhecida hoje a tese do condicionamento social do pensamento, na sequência das obras pioneiras de Max Sheller<sup>5</sup> e de Karl Mannheim<sup>6</sup>, fundadores da sociologia do conhecimento.

---

1 *Dicionário de Eça de Queirós*, Organização e Coordenação de A. Campos Matos, 2ª edição, Lisboa, 1993, p. 300.

2 Italo Calvino. *Por que ler os clássicos*, tradução Nilson Moulin, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 10.

3 Carlos Reis. *O essencial sobre Eça de Queirós*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.000, p. 4.

4 Jorge Dias. *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1985, p. 55.

5 *Probleme einer Soziologie des Wissens*, Munchen, 1924.

6 *Idelogie und Utopie*, Bonn, 1929.

Uma das vias a percorrer para responder a tais questões é o tempo que o nosso autor viveu em Coimbra, a influência que ele recebeu da Universidade e do convívio social que ela lhe proporcionou, reconhecido hoje que “Coimbra teve fundamental importância na formação cultural de Eça de Queirós e nas posições de inconformismo, de rebeldia e até de humor que iria caracterizar toda a sua obra”<sup>7</sup>. A presença da Universidade é, assim, mais um dos variados temas de pesquisa que a sua obra literária oferece à consideração dos admiradores e críticos.

Formar-se em Direito teve significativa importância. Demonstram-no as inúmeras referências a personagens ou situações vividas durante o curso. Pode-se até inferir que, se prosseguisse na carreira de advogado, teria combinado o saber jurídico com a arte literária, Themis e Apolo. Isso não é raro na cultura ocidental. Plutarco já relacionava, em “*Vidas Paralelas*”, gregos e romanos que se dedicavam à literatura e ao direito, por exemplo, Demóstenes e Cícero, simultaneamente cultores da língua, juristas e oradores. Além disso, tal relação justifica a crença de que as boas leis sempre são bem escritas.

Para os inúmeros admiradores brasileiros, o retorno a Eça sempre implica reviver o fascínio, o culto, ou até mania, que o grande escritor despertou no Brasil, na primeira metade do século XX, a “*Ecite*”, assim denominada por Monteiro Lobato, segundo Heytor Lyra<sup>8</sup>, e Álvaro Lins<sup>9</sup>. A esse culto aderi há muitos anos, compartilhando-o com o grande amigo e conselheiro, o saudoso Clóvis Ramalhete, também vítima daquilo que ele chamava de “saudade impossível de Eça de Queiroz”<sup>10</sup>, e nisso pensava ao apanhar da estante o volume de João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queirós*<sup>11</sup>, revivendo emoções que se revisitam na maturidade com maior prazer e proveito. Tomou-me uma onda de nostalgia, emoção até, ao ver a data em que adquiri esse livro, 1980. Trinta anos decorridos, a ele retorno, recaindo na *ecite* de Monteiro Lobato.

Voltar à obra do grande escritor, para apreciar a influência da sua vida em Coimbra, significa também penetrar na história das idéias políticas e sociais que dominaram Portugal nessa época, especialmente a Universidade, instituição de grande importância na formação dos quadros políticos e administradores nacionais<sup>12</sup>. Que valores presidiram à formação intelectual e artístico-

7 A. Campos Matos. *Sobre Eça de Queirós*, Lisboa, Livros Horizonte Ltda, p. 45.

8 *Eça de Queiroz e o Brasil*, Lisboa, Livros do Brasil, 1965.

9 *História Literária de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1959.

10 *Eça de Queiroz*, São Paulo, Martins Editora, 3ª edição, 1960.

11 Lisboa, Bertrand, 1980

12 Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, IX, Lisboa, Editorial Verbo, 1986, p. 331.

-literária de Eça, qual o ambiente mental e estético de sua época<sup>13</sup>, quais as circunstâncias que contribuíram para que ele produzisse “um painel crítico da sociedade portuguesa”, presente em toda a obra queirosiana<sup>14</sup>, reconhecido que a história da literatura é inseparável da história das idéias? Qual o clima mental de seu tempo, que influências presidiram à sua formação cultural e levaram às suas posições de inconformismo, rebeldia e até de humor que iriam caracterizar significativamente toda a sua obra<sup>15</sup>? Que impressões teria ele levado de Coimbra, a influírem em sua futura obra literária?

Tão nítida é essa presença tantos os pormenores já revelados, que cheguei a pensar em alterar o título deste artigo, *Eça de Queirós na Universidade de Coimbra*, para *A Universidade de Coimbra em Eça de Queiroz*, talvez mais apropriado. Na maioria de seus livros, alguns publicados após sua morte, como é o caso de *A Ilustre Casa de Ramires*, de *A Cidade e as Serras*, de *O Conde de Abranhos*, é explícita a referência não só à cidade mas também a pessoas que a convivência acadêmica lhe permitiu conhecer e que marcaram para sempre a sua vida.

Recordem-se, a propósito, as personagens de Eça que estudaram em Coimbra. Gouveia Ledesma, figura secundária de *O Crime do Padre Amaro*. Damião de *A Capital*. Teodorico Raposo, o Raposão, de *A Relíquia*. Vitor da Silva, de *A Tragédia da Rua das Flores*, que trouxera “da Universidade e das convivências literárias, um vago romantismo, um tédio da atividade e da profissão, e uma tristeza mórbida”<sup>16</sup>. Carlos Fradique Mendes de *A Correspondência de Fradique Mendes*. Alípio Severo e *O Conde de Abranhos*. Teodoro de *O Mandarin*. Carlos da Maia e seu amigo João da Ega, de *Os Maias*, “que andava-se formando em Direito, mas devagar, muito pausadamente – ora reprovado, ora perdendo o ano”<sup>17</sup>. Jacinto e Zé Fernandes de *A Cidade e as Serras*. Gonçalo Mendes Ramires que, personagem principal de *A Ilustre Casa de Ramires*, no seu período em Coimbra, entre a boêmia e as tentativas literárias, advogava o “o fortalecimento da autoridade da Coroa”, e “uma forte expansão colonial”<sup>18</sup>.

---

13 Feliciano Ramos, *Eça de Queirós e os seus últimos valores*, Lisboa, Revista Ocidente, 1945, p. 10.

14 António José Saraiva- Oscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição, Porto. Porto Editora, 2005, p. 866.

15 A. Campos Matos, *Sobre Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, p. 45.

16 Rui Marcos, *Eça de Queirós, a Europa e a Faculdade de Direito de Coimbra no século XIX*, Coimbra, Almedina, 2005, p. 72.

17 idem, p. 72.

18 A. Campos Matos, *Dicionário de Eça de Queirós*, p. 216.

Segundo Carlos Reis<sup>19</sup>, um dos maiores especialistas ecianos, o exemplo mais flagrante do que representa Coimbra para a personagem queirosiana encontra-se em Teodorico Raposo. Preparado para uma existência de inutilidade e de hipocrisia pelas suas noitadas e vadiagem fadista, quando o bacharel regressa definitivamente a Lisboa a titi reconhece-lhe o grau e praticamente convida-o ao ócio:

“Um dia enfim cheguei a Lisboa com as minhas cartas de doutor num canudo de lata. A titi examinou-as reverentemente, achando um sabor eclesiástico às linhas em latim, às paramentosas fitas vermelhas e ao selo dentro do seu relicário.

- Está bom – disse ela – estás doutor.

A Deus Nosso Senhor o deves, vê não lhe faltes ..... Corri logo ao oratório, com o canudo na mão, agradecer ao Cristo de ouro o meu glorioso grau de bacharel<sup>20</sup>.

Creio ser lapidar a conferência de Miguel Torga sobre a influência de Coimbra e de sua Universidade na literatura de Eça: “O seu mundo ficou para sempre toldado de bacharéis medíocres, de beatas da Sé Nova e de serventes da Alta. O Gouveia Ledesma de *O Crime do Padre Amaro* atua no Teatro Acadêmico, onde o Autor também representou. O José Fernandes de *A Cidade e as Serras* dá uma coça no mestre, e queixa-se mais tarde “da espessa crosta de ignorância” com que saíra do ventre de Coimbra, sua mãe espiritual. O Raposo de *A Relíquia* é comensal de um professor de teologia. O Gonçalo Mendes Ramires, de *A Ilustre Casa de Ramires*, é proclamado na Rua da Matemática “o nosso Walter Scott”. O Carlos da Maia e o João da Ega lêem Proudhon, Comte e Spencer, num quarto de Celas. O Teodoro de “*O Mandarin*” “de muito vergar o espinhaço na Universidade, recuando como uma pega assustada diante dos senhores lentes”. O Artur, o Damião e o Teodósio de *A Capital* fundam em Coimbra um respirador de publicidade – *O Pensamento*. Carlos Fradique Mendes encharca-se de carrascão na tasca das Camelas e publica na *Ideia* sonetos ascéticos. Pacheco, o “imenso talento”, assegura temerariamente na aula de direito natural que “o século XIX era um século de progresso e de luz”. E o conselheiro Acácio, a expressão adulta de toda esta juventude, o bacharel dos bacharéis, a respeitabilidade chegada ao zênite na escala social, quando quer dar uma idéia de importância do trabalho em que seu gênio se consome, lê uma grotesca descrição desta terra (Coimbra), onde o menos que

19 Carlos Reis, *Eça de Queiroz na Universidade de Coimbra*, in Congresso História da Universidade – 7º Centenário, Actas 3, Coimbra, 1991, p. 444.

20 Eça de Queiroz, *A Relíquia*, Lisboa, livros do Brasil, s.d., p. 31.

se diz dela é que “está reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos”<sup>21</sup>.

Tudo isso contribui também para lembrar a importância da Universidade de Coimbra na formação de cientistas, políticos e escritores do mundo lusófono, portugueses, brasileiros e africanos. Reconhecia o nosso Fernando de Azevedo, ao escrever sobre a cultura brasileira, que a “ação distante da Universidade de Coimbra serviu para infiltrar na elite colonial a corrente de espírito moderno e inaugurar com algumas figuras de escol, a cultura científica no Brasil”<sup>22</sup>. Recordava, também, Pedro Calmon que, em Coimbra, onde se familiarizavam, se entendiam e se encontravam, “os estudantes (brasileiros) percebiam pela primeira vez a existência de uma pátria enorme e primitiva, que lhes pertencia. A idéia nacional surgiu assim, elaborou-a às margens do Mondego a mocidade renovada todo o ano, que dos engenhos de açúcar e depois das fazendas de criação e das lavras minerais se fora a estudar leis cânones na Universidade”<sup>23</sup>.

Eça assumiu-se como europeu logo nos primeiros anos de Faculdade de Direito<sup>24</sup>, o que o levava a estabelecer paralelos entre o seu país e os demais da Europa, e a criticar, assim o temperamento português, alegando que “enquanto outros trabalham, em Portugal tagarela-se”.

Seu ingresso na Universidade dá-se em outubro de 1861, com 16 anos, fato que mereceu dele interessante relato no artigo que posteriormente (1887) escreveu, *O Francesismo*, em que já criticava, com a fina ironia que lhe era peculiar, o domínio da cultura francesa em Portugal:

“Quando cheguei na diligência a Coimbra para fazer o exame de Lógica, Retórica e Francês, o presidente da mesa, professor do Liceu, velho amável e miudinho, de batina muito asseada, perguntou logo às pessoas carinhosas que se interessavam por mim: Sabe ele o seu francês? E quando lhe foi garantido que eu recitava Racine tão bem como o velho Talma, o excelente velho atirou as mãos ao ar, num imenso alívio. Então está tudo ótimo! Temos homem! E foi tudo ótimo, recitei o meu Racine, tão nobremente como se Luiz XIV fosse lente, apanhei o meu *nemine*, e à tarde, uma tarde quente de Agosto, comi com delícia a minha travessa de arroz-doce na Estalagem do *Paço do Conde*. E desde então nunca mais saí do francês.”

21 *Dicionário de Eça de Queirós*, p. 216.

22 Fernando de Azevedo. *A cultura brasileira*, 2a. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1944, p. 317.

23 *idem*, p. 283.

24 Rui Marcos, p. 22.

Nesse mesmo artigo acrescenta: “Apenas entrei na Universidade fui abrindo o meu rego de bacharel através de livros franceses. Direito natural, Direito público, Direito internacional, todos os direitos em compêndios ou em expositores, eram franceses, ou compilados abertamente do francês, ou secretamente surripiados do francês. E sobre a mesa de pinho azul de meus companheiros de casa, só se apinhavam livros franceses de matemática, de cirurgia, de física, de química, de teologia, de zoologia, de botânica. Tudo em francês! Algumas lições eram dadas em francês, por lentes preclaros, carregados de condecorações, que pronunciavam *il faut – ile faúte*”<sup>25</sup>.

Ao inscrever-se na Faculdade de Direito, depois de aprovada a sua admissão, recebeu o número 124, o que lhe permitiria sentar-se nos bancos traseiros da sala de aula. Nessa situação “mais do que se seguir as aulas, ali jogava-se às cartas, conversava-se, liam-se os jornais. No meio da balbúrdia, ninguém, estudante ou lente, daria por ele. Deve ter considerado que lhe saíra a sorte grande”<sup>26</sup>.

Aluno de “frequência escolar equilibrada e razoável”, sempre aprovado por unanimidade, não poupava seu espírito crítico quanto ao clima que se respirava na universidade, como se percebe na seguinte passagem do artigo *In Memoriam*, escrito para um livro em homenagem a Antero de Quental:

“Em todo o tempo que vagueei pelas margens do Mondego, creio que não abri um livro em português, a não ser, em vésperas de acto, e com infinita repugnância, a *Novíssima Reforma Judiciária*. Mas conhecia, como todos os meus amigos, cada romancista, cada poeta francês, não só na sua obra, mas na sua vida - nos seus amores, nos seus *tics*, e no seu estado de fortuna”.

Ainda no mesmo texto, ácida apreciação sobre os mestres de sua época:”

“Aquele corpo docente nunca tivera bastante atividade intelectual para fazer os seus compêndios. E todavia Coimbra fervilhava de lentes que decerto tinham ócios... mas empregavam-nos na política, no amanho das suas terras, no bilhar, na doçura da família, no trabalho de dominar pelo terror o pobre acadêmico encolhido na sua batina: e o saber necessário para confeccionar a *sebenta* iam buscá-lo todos os meses aos livrinhos da “Calçada”, que o recebiam de França, encaixotado, pelo pacote do Havre”<sup>27</sup>.

25 Eça de Queirós, *O Francesismo*, in Beatriz Berrini, *Eça de Queirós. Literatura e Arte. Uma Antologia*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2000, p. 295.

26 Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, Lisboa, Quetzal Editores, 2001, p. 20.

27 Beatriz Berrini, p. 295.

Ainda no artigo *In Memoriam*, ao mesmo tempo em que reconhecia o tumulto mental daquele tempo, com a “torrente de coisas novas, idéias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários” que descia da França e da Alemanha, não poupava a sua casa, dizendo

“A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma *Alma Mater*, a mãe criadora, para quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo o espírito digno se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela engenhoca, pela sujeição à sebenta, esse grau que o Estado, seu cúmplice, tornava a chave das carreiras”. “No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma atitude – a de permanente rebelião”.

Mas que tumulto, que torrente era essa? Eram as idéias éticas de Proudhon, a afirmação do Realismo, de que Eça teria sido o fundador em Portugal, como nova expressão da arte que superava o Romantismo, por sua vez um movimento de protesto contra o mundo moderno<sup>28</sup>. Eram as idéias de Taine, o teórico mais recorrente em toda a obra queirosiana, ao lado de Proudhon, que comparece mais no campo das idéias políticas e da visão da sociedade<sup>29</sup>. Era o culto da ciência, o mundo evolucionário<sup>30</sup> a condenação de todos os aspectos da vida social portuguesa<sup>31</sup>, a relevância moral e revolucionária da arte<sup>32</sup>, a crença na decadência da Península Ibérica, que se atribuía às conquistas e descobrimentos, ao concílio de Trento e ao absolutismo monárquico.

"Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico e Proudhon; e Hugo, tomado poeta e justiceiro dos reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros!" "E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pirenéus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adotávamos como nossos e próprios: o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta paixão pela Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a verde Erin, a esmeralda céltica, mãe de santos e dos bardos, pisada pelo Saxónio!"<sup>33</sup>.

28 Franklin L. Baumer, *O pensamento europeu moderno, II, Séculos XIX e XX*, Lisboa, Edições 70, 1990, p. 25.

29 Beatriz Berrini, p. 14.

30 Baumer, p. 97.

31 António José Saraiva – Óscar Lopes, p. 862.

32 idem, 866.

33 Antero de Quental in *Obras de Eça de Queirós*, Porto, Lello, s.d., vol.2, p. 1542.

No que respeita ao movimento estudantil, Eça recordava três episódios ocorridos durante a sua vida acadêmica. Um, em 1862, foi o protesto dos estudantes que provocou a evacuação da sala dos Capelos, por ocasião da outorga de prêmios a laureados, quando o Reitor se levantou para discursar. Outro, em 1864, a *Rolinada*, assim chamada como referência ao então chefe do governo, Nuno José Rolim de Moura Barreto, o Duque de Loulé, que indeferiu o pedido de *perdão de ato* que os estudantes formularam, como de tradição, quando nasceu o príncipe herdeiro, mais tarde D. Carlos I. E o terceiro, e mais conhecido, de natureza crítico-literário, a chamada *Questão Coimbrã*, ou do *Bom Senso e Bom Gosto*, em 1865, polémica provocada por certas referências que Antonio Feliciano de Castilho fizera a Antero de Quental, grande amigo e inspiração de Eça, e a Teófilo Braga, num posfácio ao Poema da Mocidade de Pinheiro Chagas.

As imagens de Coimbra mantiveram-se constantes, ao longo da evolução literária de Eça. Quanto aos estudantes a sua propensão para a boêmia, “o culto de atitudes de criatividade e subversão de valores e de instituições, também uma certa predisposição para a criação poética, ora de teor ultra-romântico, ora de vocação satânica e decadentista”. Quanto à Universidade, era essa encarada como lugar de poder arbitrário, de grande inoperância no plano pedagógico-científico e eminentemente conservadora. O texto d’*As Farpas* em que Eça ridiculariza os rituais acadêmicos é lapidar. Trata-se do episódio da visita do Imperador do Brasil à Universidade e tem a ver com o fato de o visitante se ter apresentado, na Sala dos Capelos, de jaquetão de viagem e chapéu desabado, o que teria sido considerado um desprimor social. Comentando a indignação dos lentes, escreve Eça:

“Pois quê! Recebe a Universidade um sábio, e em lugar de se perder com ele nos retiros difíceis das mais sérias questões científicas, olha-o, recua, e diz-lhe cocottemente: *para traz! que horror! o sr. não está de casaca!* E não o compreende! Não compreende o que havia de crítico, de sábio, de pensado na *toilette* de Pedro. Ele quis-se apresentar entre sábios na modéstia do sábio! Ele não quis humilhar nenhum sr. Doutor pelo asseio da sua roupa branca! Ele vestiu-se com o rigor científico. Ele, antes de sair para o capelo, em lugar de molhar os dedos numa taça de água de colônia, sabe-se isto, ensopou as mãos num tinteiro! Ele sabia a velha tradição universitária - que o rasgão é uma glória e a nódoa um fim! - E, se a Universidade tivesse lógica, devia escandalizar-se e corar - não por ele se ter abtido da gravata branca, mas por ousar entrar naquele recinto - com tão poucas nódoas no fato!<sup>34</sup>

34 E. de Queirós e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Fevereiro, 1872, pp. 53-54.

A respeito, escreveu António José Saraiva: “Estes anos de Coimbra aparecem em Eça cheios de um prestígio lendário; são algo como a sua idade de ouro, onde se situam todos os sonhos criados por um desejo que quer libertar-se da realidade e ganhar um mundo ilimitado, luminoso e dócil a toda a fantasia”<sup>35</sup>.

Não podemos, por isso, esquecer a personagem que foi uma das suas maiores influências, o colega e amigo Antero de Quental, que mereceu de Eça o texto “*Um Génio que era um Santo*”, (1896) escrito para o livro *In Memoriam*. Esse texto transudava a “encantada e quase fantástica Coimbra dessa época.” No fundo, tudo se passava como se Coimbra tivesse celebrado com Eça de Queirós uma fiança permanente de ressurreição, algo que, por excesso de vida, não podia morrer<sup>36</sup>.

Em Eça sobrevive a noção de que ao tempo de Coimbra “estão indissociavelmente ligadas iniciativas e atitudes que irreversivelmente condicionaram a evolução da Literatura portuguesa: a Questão Coimbrã, o espírito de boémia literária, as Conferências do Casino, provêm de uma mesma matriz de comportamentos que em Coimbra fermentam. E tudo isto sob a influência dinamizadora de um Antero que, se é “bardo dos tempos novos”, é também exemplo inesquecível de integridade, de lealdade e de amizade<sup>37</sup>.

Segundo o mesmo autor, Eça reúne, em uma mesma atitude, a devoção por Antero e a devoção pela Coimbra do sonho e da fantasia, e pela Universidade; por isso também, não só a Antero, mas também a Coimbra e à Universidade, ajustam-se essas comovidas e comoventes palavras com que Eça, iniciando o seu texto “*Um Génio que era um Santo*”, lembra o amigo que o fascinava com o seu verbo, num espaço e num tempo, como esse amigo, para sempre perdidos<sup>38</sup>:

*“Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas sebatas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava.*

*A sua face, a grenha densa e loura com lampejos fulvos, a barba de um ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siriaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta,*

35 A. José Saraiva, *As idéias de Eça de Queirós*, Amadora, Bertrand, 1982, p. 65.

36 Rui Marcos, p.79.

37 Carlos Reis, p. 451.

38 idem, p. 452.

*rojava por trás, largamente, negra nas lajes brancas, em pregas de imagem. E, sentados nos degraus da igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.*

*Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiqüíssimo século XVIII – mas um bardo, um bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades. O homem com efeito cantava o Céu, o infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela idéia minhas pura, e*

*... os transcendentales recantos  
Aonde o bom Deus se mete,  
Sem fazer caso dos Santos  
A conversar com Garrett!*

*Deslumbrado, toquei o cotovelo de um camarada, que murmurou, por entre os lábios abertos de gosto e pasmo: – É o Antero!...*

*Deus conversava com Garrett. Depois, se bem me lembro, conversava com Platão e com Marco Aurélio. Todo o Céu era uma radiante academia. Os santos mais ilustres, os Agostinhos, os Ambrósios, os Jerónimos, permaneciam fora, pelos pátios divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe imprópria a penetrar no concílio dos filósofos e dos poetas. Mas o escravo Epicteto aparecia, ainda coberto das cicatrizes do látigo e dos ferros – e Deus estendia ao escravo Epicteto a sua vasta mão direita, donde se esfarelava o barro com que ele fabrica os astros ...*

*Epicteto, meu amigo,  
Quero ouvir o teu ditame  
E aconselhar-me contigo...*

*Então, perante este Céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida...*